

QUESTÃO DE ESTILO
arte e filosofia

SOUSA DIAS

Outros livros do autor

Na Livraria Civilização Editora

Mil experimentações. O pensamento e o mundo, 1980 (esgotado)

Razão e império, 1981 (esgotado)

Arte, Verdade, Sensação, 1983 (esgotado)

Nas edições Afrontamento

Lógica do acontecimento. Deleuze e a filosofia, 1995

Na Pé de Página Editores

Estética do conceito. A filosofia na era da comunicação, 1998

Questão de estilo. Arte e filosofia, 2004

E ítaca eras tu (poesia), 2005

Vocação vegetal (poesia), 2006

O que é poesia?, 2008

Na Assírio & Alvim

Grandeza de Marx. Por uma política do impossível, (2011)

Na Grácio Editor

O que é poesia?, 2011 (edição em formato electrónico)

ÍNDICE

I Arte

1. A utopia íntima da arte. 9
2. A literatura e o princípio de razão insuficiente. 14
3. Três fórmulas de Proust sobre o estilo 26
4. O que é o abstracto em arte? 38
5. Dois pintores «menores» 56
6. A violência da imagem. Cinema e pensamento 65
7. Crítica e arte: a função da crítica 76

II Filosofia

8. A última fórmula de Deleuze. 89
9. Carlos Couto SC: Glenn Gould filósofo. 102
10. Questão de estilo. Da escrita filosófica 118
11. Retórica e desassossego 136
12. Em tom de amizade – Schérer hospitaleiro. 139
13. Ideia e subjectivação 141

- Referências 145

I
arte

1. A UTOPIA ÍNTIMA DA ARTE

Há uma utopia fundamental constituinte da arte, do fenómeno artístico. Uma utopia modalizada nas explícitas ou implícitas representações pelas épocas, pelos criadores, pelas correntes estéticas desse fenómeno e da sua destinação, mas mesmo assim íntima, interior à criação, ao acto criativo. Dessa utopia cada obra de arte, na sua vitalidade irreductível à historicidade, no seu sobrevoo das idades da história, é tanto a objectivação como a cintilação propriamente trans-histórica e o apelo à sua efectuação. Nunca houve com efeito criação artística, nos vários domínios, que não exprimisse uma relação negativa com o seu tempo e um nexos activo com um tempo por vir: uma resistência ao presente, à actualidade circunstancial da obra, e uma exortação a um futuro, a uma comunidade futurível. Mas não a um futuro como acontecimento previsível ou mesmo provável, mas ao invés como um Evento infixável, processo puro, como a eventualidade de um povo capaz de acolher a arte e de a «realizar», de uma utópica comunidade revolucionária exigida como seu correlato pela criação. Como a eventualidade, em suma, de uma superior possibilidade de vida, de um devir supra-humano do homem. É dessa possibilidade e desse devir que cada obra de arte é a intimação, ou antes, ela é já por si mesma esse devir e essa possibilidade realizada, a precursão dessa comunidade, dessa humanidade «impossível» a criar. Faz-se arte para o futuro, para uma comunidade que falta, e como petição dessa comunidade: toda a criação é colectiva, ou feita em nome de um colectivo, de uma colectividade inexistente a suscitar. Não há arte, não há criação estética, sem esse sentimento de uma falta, de uma ausência, e da necessidade de uma comunidade mesmo improvável como única justificação da arte, de um devir revolucionário como única hipótese do homem. E nunca esse sentimento terá sido tão forte, nunca esse imperativo utópico tão necessário, como na nossa época dita do fim das utopias, ou em que as únicas cónicas «utopias» com que nos acenam são a democracia, a Europa ou a cidadania electrónica global. Porque nunca como nesta época se assistiu a tão despudorada homogeneização dos modos de existência, a tamanha compressão das condições de criação e das possibilidades de vida.

Criação significa reposibilitação, toda a criação é criação de possibilidades, relançamento dos possíveis, e a sua realização. Mas, precisamente, como criação que é, esses possíveis não preexistiam a essa realização, não existiam já idealmente como puras possibilidades. Pelo contrário: eram rigorosamente impossíveis, e sem essa criação jamais seriam, sequer, concebíveis. A obra de arte cria, ao mesmo tempo que a sua realidade, a sua própria possibilidade, e não há arte, não há critério da arte, fora dessa criação, dessa deslimitação, dessa extensão do horizonte do possível. A arte (como também, por outros meios, a filosofia, a criação conceptual) é de cada vez o afrontamento de uma impossibilidade e a realização do que, sem ela, teria permanecido não só irrealizado como impossível. De cada vez, e em cada domínio artístico, ela é a abertura, na ordem do sensível, de um inédito campo de sensações, de um campo não empírico de experiência, e assim o afastamento das fronteiras da sensibilidade, da emotividade e também da inteligência, o afastamento das fronteiras do humano. É neste sentido que a arte é impensável sem a não-arte, sem o apelo a um exterior que, todavia, lhe é interior, criado por ela, por ela possibilitado, impensável pois sem a sua intrínseca articulação com forças não artísticas que a efectivem, com forças de auto-superação humana ou com um devir revolucionário dos homens. É nesse sentido, em síntese, que a invenção estética por si mesma corporiza uma incontestante dimensão utópica, a utopia de um povo que a aproprie, de uma comunidade futura talvez impossível.

Objectar-se-á que essa utopia é específica da arte moderna, ou que ela é «a» utopia da arte moderna, exclusiva. De facto. É nesta época da arte que essa orientação da criação se faz ouvir, se torna manifesta ou, melhor, se torna o arqui-manifesto da modernidade estética, da pintura e da arquitectura à música, da literatura ao cinema. Espécie de ressonância transversal, de fundo unívoco de todos os manifestos modernistas, ela eleva-se como um verdadeiro grito (Klee: «falta o povo!») mesmo por sobre a nebulosa algazarra da desutopia dita «pós-moderna». No entanto, se tal utopia de uma comunidade revolucionária (humanamente revolucionária) a inventar pela arte define a forma de auto-consciência da arte moderna, não nos parece ilegítimo recuperá-la objectivamente para toda a história da arte. Mais: é o próprio apelo explícito da arte moderna a um povo em falta que inspira uma releitura retrospectiva como um tal apelo de toda a arte do passado. Mesmo da arte clássica onde a ideia de povo está ausente. Mesmo da arte romântica que introduziu essa ideia mas